

Década de 60. São Paulo. Eu e Jean Nicolini, fundador e diretor do Observatório do Capricórnio, recebemos um convite auspicioso: dar umas conferências em Poços de Caldas e, ao mesmo tempo, assistiríamos a um novo tipo de projeção cinematográfica denominada *Cinãqua*. Combinamos a hora e ficamos aguardando os acontecimentos. Iríamos numa perua e nos instalaríamos no principal hotel da cidade. As conferências seriam realizadas no salão da firma Hidrominas.

A viagem estava marcada para a noite. Minha mulher Jandira candidatou-se à viagem, secretária que era da Sociedade Brasileira de Selenografia, fundada por mim. À hora aprazada chegou a perua; não sei que tipo de veículo, era parecida com uma Kombi, mas a esse tempo não existiam esses veículos - pelo menos eu não os conheci. Na boléia, iríamos eu, minha mulher, o motorista e nosso anfitrião, Sr. Eliseu; atrás, dentro da perua, sentado numa cadeira austríaca; Jean Nicolini. Fui vê-lo e ele estava de pescoço torto, pois não cabia no espaço; resolveu sentar-se no piso da camioneta. Partimos. O motorista era, ao mesmo tempo, operador da câmara do USIS, que ia levando o filme, para a demonstração do *Cinãqua*.

Depois de algumas horas, eis-nos chegados. A cidade pacata dormia à luz de uma lua linda de doer no coração. O céu limpo, as estrelas alegres e comunicativas. Entramos no hotel...pela porta dos fundos e abrigamo-nos num quarto já repleto, com a mulher do anfitrião e as crianças do casal.

Pela manhã - era um 7 de setembro - o Sr. Eliseu avisou-nos que, como fotógrafo, teria de fazer a cobertura da parada e ei-lo a correr, com uma pequena máquina a tiracolo. Depois da parada, fomos à Hidrominas - onde entramos, novamente, pela porta traseira. Nicolini, ressabiado, perguntou: "*Mas...como é? Noticiaram a conferência? E os convidados?*", ao que o Sr. Eliseu respondeu dizendo que o ato seria mais ou menos secreto, apenas entre nós. Ficamos surpreendidos pelo mistério da coisa, mas Nicolini não se fez de rogado e fez sua conferência para o Sr. Eliseu, o operador do USIS, minha mulher,... e o porteiro da Hidrominas!

Depois da "*conferência*", fomos para a praçinha e nos sentamos, enquanto nosso anfitrião se desculpava e desabava lá para o fim da praça. Vimo-lo andar de um lado para outro sem propósito definido, enquanto Nicolini murmurava: *Veja só: o energúmeno a passear e nós aqui sem saber o que viemos fazer. Que diabo quer esse salama?*"

O dia passou e a gente ficou de lá para cá sem ter aonde ir ou o que ver. Anoteceu e foi anunciada a famosa demonstração do *Cinãqua*. Uma dúzia de cadeiras surripiadas do hotel e da Hidrominas faziam a platéia diante da fonte luminosa da cidade. A água jorrava, entremecida de clarões vermelhos, azuis, ama

relos e verdes. Nos bodos da fonte, dois latagões fixavam um encardido lençol, sobre o qual se desenrolaria a demonstração do tal *Cinãqua*. Percebemos, que o *cinãqua* era paenas uma fita projetada sobre a cortina de água da fonte. O operador do USIS ajeltoou a máquina, enquanto alguns curiosos ocupavam as cadeiras. O Sr. Eliseu, "inventor", sentou-se bem à frente, onde ficou recebendo a carga maior da umidade da fonte.

Teve início a projeção. A fita era nada mais, nada menos que uma Paixão de Cristo em preto-e-branco dos tempos da Pathé Frères. Era péssima, com os atores em saltinhos provocados pela diferença de velocidade; havia sido filmada em máquina manual, como os antigos filmes de Carlitos.

O "climax" ocorreu já no fim da fita: quando o Cristo subia ao Cavário (sem comunicar a menor emoção ao público, que incluía crianças, velhos e circunspectas mães-cristãs) a fonte começou a cantar... pela voz de Orlando Silva! Era a valsa da cidade que tocava todas as noites às nove horas em ponto. O Sr. Eliseu todo entupido, resfriado a mais não poder, chamou os latagões e pediu-lhes socorro: era preciso parar com aquela música! Os rapazes responderam que era absolutamente impossível parar a música: era tudo automático e a vitrola ficava embutida por debaixo da ponte.

Enquanto o Cristo subia - um Cristo magro como um retirante nordestino, com os olhos debruados de preto, revirados para cima - Orlando Silva gritava a plenos pulmões:

*"Poços de Caldas, Poços de Caldas,  
Cidade querida, etc, etc, ."*

Terminada a função, demos graças a Deus por poder voltar a S. Paulo.

Até hoje nenhum dos convidados soube explicar o que fomos fazer em Poços de Caldas. Mas que valeu a pena, valeu...